

# Memória jornalística e protagonismo feminino: a mulher na redação e gestão de um jornal regional

**Myrian Regina Del Vecchio de Lima**

Universidade Federal do Paraná, Departamento de Comunicação, Curitiba, PR, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-1833-2332>

**Claudia Santos Silva**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Escola de Gestão e Economia, Curitiba, PR, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0002-9669-8559>

**Rafaela Cordeiro Rasera**

Universidade Federal do Paraná, Departamento de Comunicação, Curitiba, PR, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0003-3745-6848>

## Resumo

Este trabalho investigou o protagonismo das jornalistas mulheres durante um período da história da *Gazeta do Povo*, jornal paranaense centenário, que foi o último do estado a contratar mulheres para trabalhar na redação. O objetivo foi salientar, como memória jornalística, os marcos que essas mulheres deixaram no jornal. Uma pesquisa exploratória permitiu ter como premissa que, de forma muito gradativa, jornalistas pioneiras modificaram a estrutura do jornal, ao introduzir inovações editoriais e alcançar cargos de gestão na redação. A seguir foram coletados depoimentos de dez jornalistas que tiveram papéis protagonistas no jornal, para verificar se elas se reconheciam como parte desses feitos. A pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada por meio de revisões bibliográficas e entrevistas em profundidade com as jornalistas, com as informações recolhidas e analisadas de forma interpretativa, a partir de duas categorias: protagonismo e desigualdades de gênero na redação. Os resultados mostram mulheres que provocaram mudanças importantes no jornal, mas com dificuldades em perceber seu protagonismo. Concluímos ainda que essas jornalistas vivenciaram algumas condições de desigualdade de gênero no trabalho.

## Palavras-chave

jornalistas mulheres; protagonismo feminino; desigualdades de gênero; jornalismo de memória; jornal Gazeta do Povo

## 1 Introdução

A partir de uma perspectiva de pesquisa histórico-descritiva, este trabalho buscou destacar os marcos da presença feminina no jornal regional *Gazeta do Povo*, fundado em 1919 em Curitiba, PR. O texto constitui uma etapa que integra pesquisa mais ampla que tem o jornal em questão como objeto empírico. O periódico migrou do modelo impresso para o formato exclusivamente digital, em maio de 2017.

Os avanços e recuos editoriais ocorridos ao longo da história deste jornal, e que podem ser observados sob vários aspectos e não apenas na representatividade das mulheres, devem-se à dificuldade que o veículo apresenta de assumir o papel de um jornalismo entendido a partir da visão de Traquina (2008): aquele que se define pelo relato à sociedade dos fatos de interesse público, uma vez que muitos assuntos só ganham o debate social depois que os jornalistas investem seu tempo para investigá-los e lhes dar visibilidade.

Lima, Fernandes e Dalla Costa (2019) assinalam que apesar das pesquisas sistemáticas sobre o leitor e a leitura encomendadas pela *Gazeta do Povo* ao longo do tempo, inclusive com projetos de leitura de jornal nas escolas públicas do Paraná, além de décadas de investimentos em equipamentos, cursos e consultorias, não se obteve alteração no perfil do jornal, entendido por vários estudiosos, entre eles Almeida, Kivoski e Rocha (2016), como conservador, governista e voltado para uma classe média com valores também conservadores, o que pode ser aplicado a vários outros jornais brasileiros.

No processo de “virada” para a tecnologia digital, a *Gazeta do Povo* acentuou ainda mais seu perfil editorial, aderindo às pautas da extrema direita, nos últimos anos. (Martins, 2018). Entretanto, ao longo de mais de cem anos, o jornal se tornou um veículo conhecido em todo o estado do Paraná, além de ser um dos veículos jornalísticos mais acessados do Brasil, em sua versão digital online<sup>1</sup>. Quando o jornal completou cem anos em 2019, já totalmente “empacotado” no modelo digital, a maioria dos jornais brasileiros buscava maneiras de se reinventar para enfrentar as mudanças em termos de produção e consumo de informações do mercado – diante desse cenário se justificava um estudo que resgatasse e preservasse a memória desse jornal centenário, com base em vários aspectos. Se a *Gazeta do Povo* é o objeto empírico de pesquisa em termos amplos, esse artigo foca em recorte que busca entender a

---

<sup>1</sup> Segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC), cerca de dois anos antes da digitalização do jornal, a distribuição média da versão impressa da *Gazeta do Povo* havia recuado 22,8% entre dezembro de 2015 e o último mês de 2016. No mesmo período, o número de assinantes digitais do jornal subiu 92,5%. Em 2018, o veículo era o quarto mais acessado no Brasil, conforme monitoramento da Comscore Mymetrix.

representação das mulheres jornalistas na história recente do jornal (de 1970 ao início dos anos 2000).

Apesar do registro da entrada tardia na redação, as mulheres que atuaram nesse jornal, ou ainda atuam, implantaram diversas inovações editoriais com repercussões internas e na sociedade. Uma revisão histórica, realizada entre 2018 e 2019, permitiu identificar os marcos das atuações femininas no jornal, o que nos leva a afirmar que a trajetória das mulheres no veículo apresentou três momentos principais: (1) a entrada de mulheres vindas da área da educação, no final dos anos 1960; (2) a criação do suplemento de variedades *Viver bem*, do *Caderno G* (cultura), do caderno *Bom gourmet* (gastronomia) e outras inovações editoriais realizadas por jornalistas mulheres (entre 1970 e 2000); e (3) a participação na diretoria do jornal de uma mulher, filha do proprietário, além da chegada de outras mulheres aos cargos de chefia, a partir dos anos 2000.

Em outra etapa de pesquisa, entre 2020 e 2021, foi possível obter uma visão mais aprofundada do protagonismo dessas jornalistas, verificando se elas percebiam seu protagonismo e como viam a atuação das mulheres na redação de um jornal, que por vários anos teve chefias exclusivamente masculinas. Registre-se ainda o pioneirismo de mulheres na redação do jornal *Gazeta do Povo*, em fases anteriores ao período temporal desta pesquisa, conforme compilaram Almeida, Kivoski e Rocha:

[...] a primeira mulher a tomar o posto de jornalista foi Juril de Plácido e Silva (1921-2012), filha de um dos pioneiros do jornal, o jurista, professor, jornalista e editor Oscar Joseph de Plácido e Silva [...]. Ela trabalhou no jornal durante 50 anos [...]. Entre as pioneiras, está a primeira jornalista contratada pelo impresso em 25 de agosto de 1938, Carmem Lour, na época com 20 anos, e com uma passagem rápida, conforme reportagem de José Carlos Fernandes, publicada em 14 de abril de 2016, no caderno *Vida e Cidadania da Gazeta do Povo*. [...] No ano da obrigatoriedade do diploma, em 1969, Ivany Pereira e Nadyége Almeida atuavam como colunistas da 'Gazeta Feminina' e 'Tcha Tcha Tchagarelado', respectivamente. Dois anos depois, Greci de Castro Benattom foi responsável pela coluna 'Shopping' em 1971 [...] (Almeida; Kivoski; Rocha, 2016, p. 11).

Almeida, Kivoski e Rocha (2016) destacam ainda, da geração de 1970, a atuação no jornalismo policial de Mara Cornelsen. Outros pesquisadores corroboram o descritivo histórico das autoras anteriores:

No Paraná, embora houvesse mulheres na imprensa desde a década de 1930, eram ainda conhecidas como reportistas, proibidas de frequentar o ambiente masculinizado de uma redação – enviavam seus escritos em envelopes, a exemplo da pioneira Carmen Lour, em tese primeira mulher a frequentar uma redação no Paraná (Lima; Fernandes, 2021, p. 39).

Fernandes (2010) ressalta ainda que no final da década de 1960, as jornalistas entram nas redações em quantidade significativa, o que obrigou as empresas a lhes providenciar banheiros femininos.

Esta pesquisa leva em conta que a direção do jornal examinado não considera a questão da representatividade de gênero na redação, e teve como pressuposto inicial que esta falta de percepção atinge muitas das mulheres jornalistas que por lá passaram, em diferentes etapas temporais, em especial aquelas jornalistas mais antigas na redação.

## 2 Memória e mulheres jornalistas

Ao construir a memória de uma instituição de ciência, Lima (2012, p. 11) assinala que “[...] a memória das instituições se confunde com a história de vida e com as vivências profissionais das pessoas.” E que são as vozes dessas pessoas “[...] que tornam possível confrontar os diversos pontos de vista, as opiniões, os sentimentos, ou recuperar detalhes relativos aos mesmos fatos, agregando-lhes ressignificação.”. É neste sentido que o delineamento da história das mulheres protagonistas na trajetória da *Gazeta do Povo* significa “[...] a possibilidade de dar voz às pessoas que ao longo do tempo, participaram como atores [...]” desta instituição, construindo sentido para o fazer jornalístico cotidiano (Lima, 2012, p. 11).

Para Melo (2005, p. 8), o descaso sobre a memória da imprensa revela também descaso em relação à memória nacional, “[...] principalmente no âmbito da cultura não erudita, condenando ao esquecimento as instituições, os fatos e os personagens que também fizeram história”. Assim, essa pesquisa se insere na linha memorialística sobre a imprensa que busca contribuir para a cultura nacional e regional/local. A memória do jornalismo, de acordo com Bergamo (2011), é uma concepção que deve ser entendida como portadora de uma relação direta com a identidade jornalística. Ao privilegiar na trajetória do jornal o percurso das mulheres jornalistas, assinalamos a relação entre a memória do veículo e sua identidade jornalística – aquela que foi alterada por meio do protagonismo feminino,

trazendo ao veículo novas características de perfil gráfico-editorial, modernizando-o e permitindo-lhe atualização e contemporaneidade.

Embora não faça um aprofundamento teórico, esse trabalho faz parte dos chamados estudos de gênero. Scott (1995, p. 86) define gênero como uma conexão de duas proposições – “[...] gênero como elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos [...]” e “[...]uma forma primária de dar significado às relações de poder [...]”. Mas a pesquisa situa-se de forma mais precisa entre aquelas que buscam estudar a inserção da mulher no mercado de trabalho, com suas características desiguais em relação ao homem (Casaca, 2012), ao focar esta desigualdade profissional em termos do trabalho de jornalistas mulheres. Ao trazer a fala das mulheres protagonistas na *Gazeta do Povo*, a pesquisa também abordou, ainda que apenas como cenário de fundo, aspectos da rotina produtiva de conteúdos jornalísticos na redação, ou seja, dos conceitos relativos ao *newsmaking* (Hohlfeldt, 2001) no jornalismo impresso tradicional.

O trabalho se realizou em um momento em que o índice de feminização das redações brasileiras é de cerca de 58% de acordo com o documento “Perfil do Jornalista Brasileiro - 2021”, realizada na Universidade Federal de Santa Catarina, pelo Laboratório de Sociologia do Trabalho e Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Os jornalistas do Brasil são em sua maioria mulheres, brancas (68,4%) e solteiras (53%), com idade até 40 anos (Lima, 2022).

Entretanto, Lelo (2019, p. 2) adverte que “[...] a mera paridade entre mulheres e homens nas redações não conduz mecanicamente à igualdade de condições ou à isonomia das condutas organizacionais.” Estudiosos sobre o tema, como Casaca (2012), concordam que mesmo com o avanço que integrou a mulher à esfera socioeconômica, promovendo a feminização de alguns setores do trabalho, persistem as lógicas de desigualdade, hierarquização profissional e permanência de estereótipos e preconceitos ligados ao gênero. No campo midiático e no subcampo jornalístico, esta lógica se confirma ao evidenciar uma representação simbólica assimétrica das mulheres nos mais diversos contextos. (Silva; Lima, 2019).

Por sua vez, Lima e Fernandes (2021, p. 35) relembram que na área científica,

[...] vários estudos e pesquisas sobre mulheres jornalistas têm privilegiado aspectos históricos e pioneirismos, preconceitos, dificuldades enfrentadas pelas jornalistas para que chegassem, em 2021, a representar a maioria em atividades profissionais.

Os autores também citam estudo da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) (2021), que revela que os ataques contra as jornalistas mulheres são cada vez mais frequentes e preocupantes, além de serem alvos preferenciais contra a liberdade de imprensa, inclusive por parte de autoridades políticas.

É fundamental assinalar que o jornalismo é um campo profissional em que as mulheres passaram a ser predominantes desde a eclosão da oferta de cursos de jornalismo no ensino superior brasileiro, em meados dos anos 1960 (Sant’anna, 2018). Neste sentido, Almeida, Kivoski e Rocha (2016) relatam que, ao buscar informações no Museu Paranaense de Curitiba sobre jornalistas mulheres, encontraram mais nomes femininos após a abertura do primeiro curso de jornalismo na cidade, ofertado pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), assim como depois da criação de outros cursos de jornalismo no Paraná, lembrando que movimento similar ocorreu nas redações dos veículos de outras capitais do país – para Almeida, Kivoski e Rocha (2016), esse é um dos fatores que contribuiu para o processo de feminização na redação da *Gazeta do Povo*.

### 3 Passos metodológicos

Na primeira fase da pesquisa, foi realizada a leitura de documentos sobre a história da *Gazeta do Povo* (Fernandes; Santos, 2010), além de se examinar jornais e textos recolhidos na internet. Também foram realizados debates com professores e jornalistas (um deles, com vivência de mais de 20 anos no jornal em estudo) sobre as características do jornalismo local e da *Gazeta do Povo*; desses estudos e rodas de conversa foram levantados, de forma exploratória, vinte nomes de jornalistas mulheres que passaram pelo veículo e tiveram algum tipo de protagonismo.

Almeida, Kivoski e Rocha (2016, p. 14) já haviam observado que a busca pelas fontes de jornalistas mulheres que atuaram em jornais de Curitiba é demorada, pela falta de bancos de dados no Sindicato dos Jornalistas do Paraná. As autoras ainda assinalaram que “[...] a bibliografia sobre a participação feminina no jornalismo do Paraná também é escassa e pontual [...]”. Para essa pesquisa, procurou-se a empresa do jornal *Gazeta do Povo* por mais de uma vez, mas os dados não foram fornecidos.

Na primeira fase, realizaram-se entrevistas em profundidade com cinco das vinte jornalistas previamente identificadas, com registro de fotos e vídeos feitos pelo estudante de Jornalismo e voluntário de Iniciação Científica, Enzo Labre Gutierrez Gomes. Entre 2019-

2020 foram realizadas mais cinco entrevistas com jornalistas, totalizando dez depoimentos das vinte mulheres levantadas como protagonistas, o que foi considerado um número representativo.

O uso de entrevistas em profundidade é um recurso metodológico que abre possibilidades que se mostraram valiosas nessa pesquisa, de acordo com Duarte (2010, p. 64): “[...] flexibilidade de permitir ao informante definir os termos das respostas e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas [...] intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística [...]”, aspectos todos buscados pelas pesquisadoras nesse trabalho, assim como permitir respostas baseadas em experiências subjetivas. Ainda, segundo Duarte (2010, p. 64), ela “[...] guarda similaridades, mas também diferenças, com a entrevista jornalística.” Entretanto, o uso desse tipo de coleta exigiu critério de cortes na seleção de fontes, no caso jornalistas protagonistas do veículo em estudo, assim como o uso também selecionado de informações que melhor atenderiam os objetivos desse recorte de pesquisa.

Além das entrevistas, a escolha do método de análise baseou-se em Bardin (2011), o que permitiu a definição de uma categoria prévia central de análise (protagonismo) das falas das jornalistas, propiciando inferências interpretativas. Do processo de leitura flutuante da coleta dos depoimentos das entrevistas, emergiu mais uma categoria de análise complementar (desigualdade de gênero).

Das dez entrevistas, oito foram presenciais; as duas últimas, entretanto, foram realizadas de modo remoto pela internet, em decorrência da pandemia da covid-19, que levou à necessidade de isolamento social – isso não prejudicou a coleta de informações, já que as entrevistas foram feitas por chamada de vídeo com as jornalistas, e gravadas da mesma forma que as presenciais. Depois de realizadas as entrevistas, foi possível elaborar a Tabela 1, com a identificação das jornalistas e seu período de atuação no jornal.

**Tabela 1** - Identificação das dez jornalistas entrevistadas como protagonistas na redação do jornal

<b>Nome</b>	<b>Data/Local nascimento</b>	<b>Instrução</b>	<b>Período atuação na Gazeta do Povo</b>
Marleth SILVA	1966 (Peabiru/PR)	Jornalismo e Mestrado Comunicação	1986-1989 e 2000- 2022
Nereide MICHEL	1949 (Curitiba/PR)	Jornalismo	1970 e 1972-2003
Ana Amélia FILIZOLA	1967 (Curitiba/PR)	Jornalismo	1989 -atual
Marian GUIMARÃES	1949 (Santo Antônio da Platina/PR)	Jornalismo	1967 (alguns meses) e 1990 - 2009
Eloá CATILOR	1940 (Laranjeiras do	Jornalismo	1975-1976 e 1980-1981

	Sul/PR)		
Rosy de Sá CARDOSO	1925 (Curitiba/PR)	Não cursou graduação	1977 - 2017
Audrey POSSEBOM	1975	Jornalismo	1998-atual
Marisa VALERIO	1962 (Rio Grande/RS)	Jornalismo	2001- 2015
Maria Sandra GONÇALVES	1971 (Santo André/SP)	Jornalismo	1998-2015
Claudia BELFORT	1968 (Pernambuco)	Jornalismo	2000-2007

Fonte: Elaborada pelas autoras, com base em entrevistas.

Após serem coletadas e transcritas, foram selecionados trechos do conteúdo das entrevistas, que foram inseridos nas duas categorias de análise:

- a) categoria 1 - protagonismo: categoria analítica prevista desde o início da pesquisa. De forma ampla, o protagonismo está relacionado ao indivíduo que desempenha um papel principal, no sentido de participação e cidadania, ou uma atuação que produz transformações no rumo dos acontecimentos ligados ao mundo social, ao âmbito profissional ou ligado à sua classe social, econômica, de gênero, faixa etária etc. Neste trabalho atribuímos o termo à atuação profissional em uma redação jornalística para mulheres jornalistas que desempenharam um papel de destaque em seu cotidiano de trabalho, pela introdução de inovações editoriais e/ou exercício bem-sucedido de chefias com resultados positivos em termos de audiência, prêmios, organização de produção jornalística etc;
- b) categoria 2 - desigualdades de gênero: ao examinar o protagonismo das mulheres jornalistas na trajetória da *Gazeta do Povo*, a questão das desigualdades entre homens e mulheres em ambiente de redação perpassa a questão, emergindo como categoria complementar. Isso se evidenciou com base na leitura das falas colhidas e a categoria analítica se ratifica nos empecilhos, embaraços e preconceitos em ambiente de trabalho que marcam o caminho das mulheres entrevistadas.

O documento com todas as entrevistas transcritas (68 páginas), foi organizado nas categorias estabelecidas, por meio da técnica de leitura flutuante (Bardin, 2011), o que permitiu a condensação de seu conteúdo para pouco mais de vinte páginas, elencando-se o que foi dito por cada jornalista sobre seu protagonismo e sobre as desigualdades de gênero.

Na sequência, realizou-se a reinterpretação das falas para se chegar aos resultados inferidos. Alguns exemplos desses recortes por categoria aparecem no Quadro 1.

**Quadro 1** - Exemplos de extratos das falas das dez jornalistas entrevistadas, separadas em duas categorias de análise

<b>Jornalista</b>	<b>Protagonismo</b>	<b>Desigualdade de Gênero</b>
<b>Marleth Silva</b> - criadora de projeto de educação para a mídia, que levou o jornal <i>Gazeta do Povo</i> para escolas de todo o Paraná.	“O <i>Ler e Pensar</i> é a aplicação do jornal nas atividades das escolas. O objetivo é familiarizar os estudantes com a mídia jornal. [...] <b>Fui eu quem implantei.</b> ”	“Somos muitas e forçamos a abertura de espaço. <b>Mas há uma sub-representação nas chefias, o que reflete o pensamento conservador e preconceituoso que ainda existe.</b> Se não fosse assim, você teria muito mais mulheres nas chefias, entendeu?”
<b>Nereide Michel</b> - criadora do caderno <i>Viver Bem</i>	“Depois de passado um tempo, você me faz essa pergunta: será que eu fiz alguma coisa nesse sentido? Mas, de forma indireta, <b>sempre foi pelo trabalho, conseguindo meu espaço, que gerou oportunidade para outras jornalistas mulheres.</b> ”	“Inclusive uma das pautas iniciais que peguei, que não lembro se era sobre minissaias ou sutiãs em uma boutique, achei muito engraçada. <b>Talvez por eu ser mulher essa pauta foi para mim.</b> ”
<b>Ana Amélia Filizola</b> - criadora do <i>Caderno G</i> e filha do proprietário do jornal. Atual membro da diretoria da empresa.	“Foi um momento muito rico, me lembro de reuniões, principalmente, do <i>Caderno de Cultura</i> . O turismo permitiu mais liberdade de diagramação, começando ali uma liberdade maior do que em outras editorias daquele jornal mais tradicional, mais quadrado. <b>Com o <i>Caderno de Cultura</i>, a mesma liberdade começou a acontecer.</b> ”	“Que eu me lembre eram muito poucas mulheres. Acho que no máximo quatro ou cinco mulheres. <b>Era uma empresa, vamos dizer, sob o olhar masculino, né?! Não vou dizer que era machista, mas os conteúdos eram com o olhar mais masculino.</b> ”
<b>Marian Guimarães</b> - criadora do suplemento <i>Bom Gourmet</i>	“ <b>Acho que o que eu fiz lá foi muito grande mesmo.</b> Não só no turismo, mas principalmente no <i>Bom Gourmet</i> , que surgiu por meio do caderno de Cultura.”	“ <b>Acho que a Gazeta deu uma abertura muito grande às mulheres, comparado com quando eu entrei.</b> Hoje ela está dominada pelas mulheres. Elas estão em todas as áreas.”
<b>Eloá Catilor</b> - primeira jornalista mulher a trabalhar na redação à noite.	“ <b>Ter sido convidada para trabalhar à noite na redação, chamou mais atenção dos homens e de outras pessoas do que de mim mesma,</b> eu não senti isso como uma vanguarda. Aconteceu de forma bastante linear, bastante calma.”	“ <b>Poucas, poucas mulheres na redação; à noite não tinha nenhuma, só eu mesma.</b> ”

Jornalista	Protagonismo	Desigualdade de Gênero
<b>Rosy de Sá Cardoso</b> - primeira jornalista registrada no Paraná; reinventou a editoria de turismo da <i>Gazeta do Povo</i> .	“Comecei a escrever na editoria de turismo numa época em que conseguir alguma coisa era muito difícil, e hoje você consegue apertando uma tecla.”	“[Quando entrei] havia cinco mulheres lá, mas uma delas entrou como secretária.”
<b>Audrey Possebom</b> - reinventou a editoria de política e sugeriu a criação da sucursal em Brasília.	“ <b>Na editoria de política apresentei um projeto de aumento da cobertura. Sugeri uma sucursal em Brasília</b> e aí a editoria ganhou mais força: André Gonçalves foi para Brasília como correspondente e eu fiquei aqui como editora.”	“Minha maior dificuldade foi em 2007, porque foi um salto muito grande. <b>Não por ser mulher, mas por ser a mais jovem de todos os coordenadores. Então foi mais pela minha idade do que por ser mulher</b> , até porque um pouco antes tivemos uma mulher chefe de redação muito forte, a Claudia Belfort.”
<b>Marisa Valério</b> - criou uma página e um prêmio de empreendedorismo.	“Comecei a trazer para o planejamento de economia coisas que não eram vistas como economia. <b>Criei uma página de empreendedorismo, a primeira cobertura desse tipo no jornal.</b> E começamos a atrair esses projetos.”	“ <b>Não quer dizer que a gente não sentisse que o pensamento masculino não tivesse um pouco mais de força</b> , mas não era programado para ser assim, acho que é mais um movimento da sociedade, da natureza humana, não é nada sociológico, é uma percepção minha.”
<b>Maria Sandra Teixeira Gonçalves</b> - primeira mulher diretora de redação.	“ <b>Esse cargo [primeira mulher diretora de redação] não é uma tarefa tão pequena, não é uma missão simples</b> e isso me faz sentir ainda mais honrada por ter merecido a confiança de exercê-la.”	“Mas nunca olhei como um ambiente em que as mulheres não tivessem voz, mas, sim, <b>percebia um ambiente em que as chefias eram mais confiadas aos homens</b> , isso sem dúvida.”
<b>Cláudia Belfort</b> - primeira chefe de redação do jornal em estudo.	“Eu tive um protagonismo, consegui mudar muita coisa, tanto que o jornal ganhou o primeiro prêmio na minha mão. <b>Mas é claro que eu tive protagonismo.</b> É, eu era chefe né? Então eu era protagonista.”	“Era um misto de machismo, com conservadorismo, um pouco de ressentimento porque veio uma pessoa de 39 anos, da área de internet, <b>mulher, do Nordeste, para ser chefe de um bando de homem de mais de 50 anos. Então era um massacre.</b> ”

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nas falas colhidas em entrevistas.

É importante assinalar que todas as jornalistas entrevistadas concordaram em responder às questões com boa-vontade e se mostraram interessadas no processo, cientes de tratar-se de uma pesquisa acadêmica, que poderia ser apresentada em evento ou revista científica. Nenhuma delas pediu a omissão de seus nomes ou que se mantivesse qualquer informação em off.

## 4 Resultados e discussão

Enquanto outros jornais do Paraná já contratavam mulheres desde os anos 1950, foi apenas a partir dos anos 1970 que a *Gazeta do Povo* começou a contratá-las. Entretanto, ainda permaneceram por muito tempo em editorias mais “leves”, relacionadas a variedades, assuntos considerados mais “femininos” na época. Nos anos 1960, eram as educadoras de Curitiba que produziam conteúdo com mais leveza editorial para o jornal. Eram mulheres responsáveis por reformas na educação do Estado, bem como pela criação de suplementos infantis, e hoje são consideradas fundadoras do jornalismo infanto-juvenil no Paraná.

[...] com formação em magistério, professora primária e autora de livros didáticos, Luíza Pereira Dorfmund (1918-2010) deixou o jornal O Estado do Paraná para ingressar na *Gazeta* com a colaboração dominical, realizada em parceria com a irmã, Sylvia Bittencourt – que lecionava artes. Ambas fundaram o jornalismo infanto-juvenil no estado do Paraná, com a ‘Gazetinha’ [...] (Almeida; Kovoski; Rocha, 2016, p. 12).

A jornalista Eloá Catilor narrou um fato interessante nos anos 1970: ela era a única mulher jornalista que trabalhava no período noturno e lembrou sobre a ausência de banheiros femininos no ambiente de trabalho. Apesar disso, ela declarou que as ordens que circulavam na redação, “vindas do Doutor Francisco” (Francisco Cunha Pereira, proprietário do jornal), eram para que todos respeitassem qualquer moça que adentrasse ao espaço. Essa voz de comando era suficiente para que o ambiente fosse, segundo sua percepção, receptivo com qualquer profissional, independente do gênero. No seu turno, Eloá trabalhava apenas com colegas homens, na editoria “Mundo”, e viajava com frequência a serviço do jornal (Catilor, 2019).

É a partir também dos anos 1970, com a entrada de mulheres jornalistas, que a *Gazeta* passa pelas primeiras reformas editoriais e gráficas, que começam a abrandar o aspecto sisudo do jornal, que nem mesmo permitia a assinatura dos repórteres nas matérias – foi Ana Amélia Filizola, filha do proprietário do jornal, que o convenceu a publicar matérias assinadas; a *Gazeta do Povo* também não fazia reuniões de pauta – a prática começou no suplemento semanal *Viver bem*, pelas mãos da jornalista Nereide Michel; nem utilizava fotografias – prática também iniciada no mesmo suplemento.

Uma das mulheres pioneiras a adentrar no jornal é Rosy de Sá Cardoso<sup>2</sup>, primeira mulher a ser registrada como jornalista no Paraná. Ela é contratada para assumir a editoria de turismo e desde o início modifica a maneira como a *Gazeta* cobria esse assunto, trazendo inovações e fazendo a editoria crescer.

Quando cheguei, a editoria tinha só uma página, que o antigo editor enchia com uma foto da Baía da Guanabara e era assim. Eu cheguei à conclusão que uma página bem-feita era muito difícil, mas fui preparando um arquivo, pois desde quando trabalhava no *Diário do Paraná* eu guardava fotos; mandei meu nome e endereço para algumas embaixadas para que enviassem notícias, fui procurando um lugar, né? (Cardoso, 2019).

Foi Rosy de Sá que conseguiu a contratação de Ana Amélia Filizola, filha do proprietário do jornal, hoje (2023) diretora da *Gazeta do Povo*. A contratação não aconteceu sem a resistência do pai, mas Rosy foi insistente e em uma das conversas que teve com Francisco da Cunha Pereira confrontou as ideias do chefe: “Disse a ele: o senhor está atrasado, suba na redação e veja quantas moças são casadas e trabalham lá. Sua filha é formada em jornalismo e sei que fala muito bem inglês e francês, pode traduzir textos.” (Cardoso, 2019).

Ana Amélia Filizola também é responsável pela criação, no início dos anos 1990, da *Cultura G*, página que depois passa a se chamar *Caderno G*, considerado um *case* de sucesso do jornal por também se distanciar do conteúdo sisudo e conservador a que o leitor estava habituado.

[...] comecei a ver que faltava um espaço para a cultura. Os temas da área eram espalhados – numa página apareciam textos sobre cinema, na outra página, aos domingos, a Adalice Araújo<sup>3</sup> escrevia um especial sobre artes; notícias sobre espetáculos, lançamentos de livros... puxa, pensei: por que a gente não começa a juntar isso? Daí chamei a editoria de Cultura G. Me desliguei do turismo e comecei a trabalhar com esse material de cultura (Filizola, 2019).

O *Caderno G* representou um momento de maior liberdade de criação no jornal. De acordo com Ana Amélia, elas faziam reunião de pauta, criticavam tudo o que achavam que

<sup>2</sup> A primeira colunista social de Curitiba – no *Diário do Paraná* – foi Rosy de Sá Cardoso e a partir de janeiro de 1977 foi trabalhar na *Gazeta*. A jornalista, nascida em 1927, foi cantora e conduziu um programa musical. Com a saída da rádio, a jornalista iniciou carreira no impresso diário da cidade, atuando como jornalista de turismo (Almeida; Kovoski; Rocha, 2016). Rosy de Sá atuou no jornal até 2017 e faleceu, aos 95 anos, em 2022.

<sup>3</sup> Pesquisadora, crítica de arte e professora universitária. É autora de alguns de importantes projetos responsáveis pela introdução da arte contemporânea no Paraná. Como crítica de arte, manteve, durante 26 anos, a *Coluna Artes Visuais*, a maior parte do tempo, 20 anos, no jornal *Gazeta do Povo* (Adalice [...], 2007).

podia melhorar, inovavam na diagramação. O modelo de produção adotado pelo caderno de cultura inspirou outras editorias a ter mais liberdade gráfico-editorial.

Junto com Ana Amélia, atuava a jornalista Marian Guimarães, responsável pela criação do caderno *Bom gourmet*, em 2008, mas que no início dos anos 1990 fazia parte da editoria de turismo, comandada por Rosy de Sá, onde publicava material sobre os restaurantes de Curitiba, até então pouco divulgados. A coluna logo ganhou espaço por atrair muitos anunciantes. Além de ser um sucesso do ponto de vista comercial e editorial, a publicação modificou a forma como os restaurantes lidavam com a comunicação. De acordo com Marian, muitos jornalistas passaram a trabalhar em assessorias de restaurantes e os estabelecimentos começaram a dar mais importância à sua forma de fazer comunicação.

O diretor comercial da Gazeta, Rogério Fiorenzano, dizia que o único lugar da Gazeta em que não precisava mandar o setor comercial atrás era o *Bom gourmet*, porque choviam restaurantes querendo fazer anúncio. Eu acho que essa contribuição eu dei na gastronomia de Curitiba que começou a aparecer; aos próprios jornalistas, que começaram a ter emprego nas assessorias dos restaurantes; e hoje o *Bom gourmet* se tornou o maior *case* de sucesso (Guimarães, 2019).

Outra jornalista protagonista no jornal é Nereide Michel, que começou como estagiária em 1983 na redação e foi a criadora do suplemento semanal *Viver bem* (iniciado em 1983 como páginas soltas inseridas na *Revista de tevê*, sobre o conceito *não basta viver, mas viver bem*) e que, depois, se tornaria o mais popular caderno de variedades do Paraná, editado por Michel até 2002. Ela criou uma porta de entrada para novos leitores por abordar temas mais “leves”.

Você pode comprar móveis lindos, uma tendência do mercado, mas tem que se sentir bem na sua casa. Então eu pensei nisso. Tudo o que eu fazia era assim, você não tem que estar na moda, tem que se sentir. Eu criei uma espécie de filosofia dentro do caderno chamada de “para viver bem você tem que fazer isso ou aquilo.” (Michel, 2019).

O caderno foi um sucesso comercial e bem aceito pelos leitores de segmentos variados. O mercado imobiliário, inclusive, passou a usar o termo *viver bem*. O caderno chegou a ter uma edição de mais de 80 páginas e influenciou os mercados de moda, imobiliário, de móveis e decoração, ao valorizar profissionais destas áreas. Além de estabelecer uma inovação editorial positiva para o jornal, Michel inovou ao implementar novas práticas de produção de matérias – foi a jornalista que implantou a prática de fazer

reuniões de pauta no *Viver bem*, o que não acontecia no resto da *Gazeta*. Ela também iniciou o uso da arte final no jornal e se reunia com todos os profissionais que faziam parte da produção do caderno: chamava fotógrafos, produtores, repórteres para discutir como seria o caderno a cada semana. Tais inovações logo foram adotadas pelo resto da redação.

Outra contribuição interessante de Nereide Michel foi a de reunir uma equipe majoritariamente feminina no *Viver bem*, o que segundo ela, não foi algo proposital, mas que pode ser considerado um avanço dentro da redação:

Era uma equipe feminina dentro da *Gazeta*, até em função da necessidade de um olhar feminino nos temas, que eram decoração, moda, saúde. Formamos lá uma “mini redação” e conseguimos um entrosamento muito grande, uma redação à parte, com um local especial para a gente trabalhar. Acho que foi uma conquista dentro da *Gazeta*, a gente conseguiu um certo pioneirismo na área (Michel, 2019).

Marleth Silva é mais uma mulher que implantou diversas inovações e mudanças no jornal. Criou, em 2007, o caderno *Ideias*, espaço de discussão mais adensada de temas contemporâneos; assim como um caderno de fim de semana para a agenda de eventos da cidade. Mas, a criação de Silva de mais sucesso foi o *Ler e pensar*, projeto pedagógico da empresa Rede Paranaense de Comunicação (RPC), da qual a *Gazeta* faz parte, para introduzir crianças e jovens à leitura de jornais nas salas de aula. “O que acho é que pode ter sido uma contribuição particular do meu gosto pela educação, especialmente em relação à mídia. Eu acho que é muito importante preparar as pessoas para ler a mídia” (Silva, 2019). O *Ler e pensar* formou gerações de leitores, enviou a *Gazeta do Povo* impressa para centenas de escolas de todo o Paraná e, até 2022, permanecia como projeto, agora em versão digital.

Como registrado até aqui, todas essas mulheres tiveram papéis protagonistas no jornal, criaram projetos, trouxeram inovações, dinamizaram o processo de produção, implantaram novas rotinas de trabalho. Entretanto, a partir das entrevistas, foi possível observar que elas sentem dificuldade em se verem como protagonistas, em especial aquelas que atuaram há mais tempo. Durante as entrevistas ouviram-se frases como “[...] estava fazendo o meu papel [...]”, ditas mesmo por aquelas que estiveram à frente do seu tempo, que trabalhavam na *Gazeta* quando ainda havia pouquíssimas mulheres no ambiente. A jornalista Rosy de Sá, por exemplo, não se sentia com algum tipo de protagonismo: “Não. Tínhamos todos o mesmo quilate. Não fui pioneira” (Cardoso, 2019). Marleth Silva e Nereide Michel seguem a mesma lógica. “Se eu deixei algum legado, foi mais com as pessoas que trabalharam

comigo. Foi mais pelo trabalho individual com os repórteres, o que pode ter se refletido no jornalismo e não para o jornal em si” (Silva, 2019):

[...] não sei se faço parte do protagonismo feminino. Talvez pelo fato da visão feminina, da sensibilidade, da criatividade e por ter aberto portas para jornalistas mulheres. Quando a gente está trabalhando, não está preocupado se está tendo um protagonismo, não está pensando nisso (Michel, 2019).

Essas mulheres não se reconhecem como protagonistas. Para elas, o que fizeram foi o que estava ao seu alcance. Mas, percebe-se que para aquelas que chegaram na *Gazeta do Povo* nos anos em que já havia um número maior de mulheres, não há dificuldade em entender o seu papel de destaque editorial. A única jornalista que entrou antes dos anos 1990 na *Gazeta* e se sente protagonista é Marian Guimarães: “Eu acho que o que eu fiz foi muito grande. Não só no turismo, mas principalmente no *Bom gourmet*,<sup>4</sup> que surgiu por meio do [caderno de] Cultura” (Guimarães, 2019). O *Bom gourmet* mudou a relação que os restaurantes tinham com a comunicação, bem como ajudou a cena gastronômica de Curitiba a se expandir.

No final dos anos 1990 e no início dos anos 2000, a presença de mulheres na *Gazeta do Povo* já era maior, uma vez que as mulheres em geral já estavam mais integradas ao mercado de trabalho e crescia muito o número daquelas que frequentavam as faculdades de jornalismo. Nesse período, as jornalistas passaram a assumir cargos de chefia no jornal. Ana Amélia Filizola, a quem o pai proprietário do jornal não gostaria nem que tivesse ido para a redação, por exemplo, passa a ser a diretora do jornal e segue nessa função até hoje (2022).

Mas, foi apenas em 2010 que a *Gazeta* teve a sua primeira diretora de redação mulher. *Maria Sandra Gonçalves*, que permaneceu no jornal até 2015, assumiu essa função depois de se destacar em outras editorias.

De positivo foi o voto de confiança no meu trabalho e eu acho que eu merecia esse voto, porque criei algumas coisas, tinha uma história dentro do jornal, embora algumas pessoas questionassem. Porque, claro, quando um é promovido, outros também queriam ser promovidos (Gonçalves, 2020).

Outra mulher que se considera protagonista no jornal é Marisa Valério, que entra na *Gazeta* como editora de economia, área tradicionalmente considerada, ainda, “mais masculina”, apesar de nomes marcantes na especialização como Miriam Leitão, entre outras

---

<sup>4</sup> O *Bom Gourmet* continua disponível em plataforma digital, já o *Caderno G* não sobreviveu à mudança do jornal impresso para o virtual.

jornalistas de presença nacional. Depois, Marisa se torna editora executiva de economia: “Descobri que tinha uma capacidade empreendedora na função. Segui a cartilha, mas aos poucos fui percebendo que tinha outras oportunidades dentro do planejamento. E acho que nisso eu trouxe uma experiência feminina para a função.” (Valério, 2019). A jornalista iniciou as primeiras experiências de cobertura sobre empreendedorismo no jornal, além de ter implantado inovações, como o *Prêmio Bem-Feito no Paraná*, criado em 2013.

Além dela, Audrey Possebom é outra jornalista da *Gazeta* que se reconhece protagonista. Ela entrou como repórter da editoria *Nosso bairro*, passou pelas editorias de cidades, turismo, economia e política. Nessa última, introduziu mudanças significativas para o jornal: “Apresentei um projeto de aumento da cobertura. Sugeri uma sucursal em Brasília e aí a editoria ganhou mais força.” (Possebom, 2020). Além disso, ela foi chefe de redação no jornal e, até o momento da entrevista, atuava como gerente de personalidade.

Outra protagonista foi Claudia Belfort, que atuou no jornal do início dos anos 2000 até 2007. Belfort entra no Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCom) para implantar estrutura e conteúdo para a área de internet e depois é chamada para ser editora executiva da *Gazeta*, além de assumir também o *Jornal de Londrina*, pertencente ao mesmo grupo corporativo. “Eu tive um protagonismo, consegui mudar muita coisa, tanto que o jornal ganhou o primeiro prêmio nacional na minha mão, nunca tinham ganhado um prêmio de jornalismo. Eu era chefe né, então eu era protagonista.” (Belfort, 2020).

Entretanto, o que se nota entre algumas dessas mulheres que se consideram protagonistas é que não, necessariamente, elas se percebem como tal por terem feito grandes alterações no jornal. Elas sentem que foram protagonistas porque estiveram em cargos de chefia e que, homem ou mulher, qualquer pessoa no cargo de chefia teria destaque: “acho que sim, tive um protagonismo, porque as funções que eu exerci me exigiam um protagonismo, precisava tomar decisões. O editor executivo tinha um protagonismo natural.” (Valério, 2019). “É, eu era chefe né, então eu era protagonista. Porque eu era chefe da *Gazeta do Povo*, da internet e do *Jornal de Londrina*, então não tem como você não ser protagonista.” (Belfort, 2020).

Outras destas mulheres, como Sandra Maria, entendem que suas atuações foram no sentido de modificar a estrutura de produção da *Gazeta* ou de trazer, de fato, um legado, uma inovação para o jornal. “Muitas coisas que sugeri foram levadas em conta. Então de maneira nenhuma eu posso dizer que não fui protagonista na história do jornal” (Gonçalves, 2020). Audrey Possebom também considera que foi protagonista por suas ações na *Gazeta do Povo*.

Há várias coisas de que me orgulho – a primeira foi a mudança da cobertura política do jornal, na qual tive uma participação bem intensa; na fase antes dos *Diários Secretos*<sup>5</sup>, investimos mesmo em reportagem e passamos a focar mais em apostas próprias do que na agenda tradicional (Possebom, 2020).

De qualquer forma, ao entender o protagonismo por terem ocupado lugares em chefias ou por ações/modificações que realizaram no jornal, essas mulheres reconhecem o papel que tiveram. Concordam que tiveram um espaço para inovar, mesmo com a desigualdade de gênero presente na época. Essa desigualdade, inclusive, foi percebida por muitas das jornalistas. Ainda que não de maneira explícita, elas mencionam a sub-presença de mulheres em cargos de chefia. Algumas vão mais além e falam sobre desavenças e/ou constrangimentos pelos quais passaram com colegas jornalistas homens na redação.

Cláudia Belfort, quando foi editora chefe do jornal, conta como enfrentou “grande resistência” por parte dos jornalistas homens subalternos em atender aos seus comandos.

Era resistência e era boicote, não dá pra dizer que não era resistência. Não dá para aliviar. Sim, é porque eu era mulher, porque eu era jovem e porque eu era chefe. Era por causa dessas três coisas. Era muito grande a resistência, muito mesmo. De eu achar que não ia aguentar a pressão. Mas, o machismo da *Gazeta* não é diferente em nada de outros lugares (Belfort, 2020).

Belfort e outras entrevistadas entendem que as desigualdades de gênero e conflitos não são algo exclusivo do jornal. “O problema não é da *Gazeta*. É estrutural. O problema está na sociedade. Então, na redação do jornal, isso reflete a estrutura social” (Belfort, 2020). Já Ana Amélia Filizola enfatiza que não acreditava que as resistências aqui citadas se davam por questões de gênero, mas ao apego a ritos da própria organização, o que ela definiu como “apego organizacional”. E que o jornal embora considerado conservador, teve as mudanças provocadas por ela, ou outras jornalistas mulheres, efetivadas com o apoio do seu pai, mas ressalva que havia sim dificuldade do proprietário em aceitar medidas, minimamente, inovadoras.

Dois pontos interessantes ainda podem ser destacados. Constatou-se pela fala das entrevistadas um padrão destas protagonistas em “puxarem” outras mulheres para a redação

---

<sup>5</sup> A repórter Katia Brembatti, em 2010, ganhou o *Prêmio Esso de Jornalismo*, juntamente com os jornalistas Karlos Kohlbach, James Alberti e Gabriel Tabatcheik, pela série de reportagens investigativas e de dados chamada “Diários secretos”, publicada na *Gazeta do Povo* e na RPC TV. Em 2011, a série ganhou o prêmio mundial de imprensa ‘Global Shining Light Award’, inédito, até então, para o jornalismo brasileiro.

da *Gazeta*, como ocorreu com Rosy de Sá ao trazer Ana Filizola para a editoria de turismo; com Marleth Silva, que trouxe Claudia Belfort; ou Nereide Michel, que reuniu muitas mulheres no caderno *Viver bem*. Michel credita um possível protagonismo seu ao fato de ter dado oportunidade a muitas mulheres na redação do seu caderno. Outro ponto é que todas essas mulheres, durante as entrevistas, mencionavam umas às outras, o que mostra que esta pesquisa conseguiu acesso às jornalistas com maior protagonismo que o jornal apresentou até aqui, embora não se tenha incluído outras jornalistas também consideradas protagonistas.

## 5 Conclusões

A crescente feminização das redações brasileiras e uma possível igualdade salarial entre homens e mulheres no jornalismo devem ser vistas com cautela. Como lembra Lelo (2019, p. 11), estes avanços ainda não conseguem “[...] subverter assimetrias solidamente enraizadas no tecido social [...]” e vários estudos indicam que muitas mulheres naturalizam e reproduzem injustiças ligadas a gênero nas redações para manterem seus postos ou ascenderem na profissão.

Com relação aos objetivos da pesquisa é possível concluir que ocorreram alguns momentos-chave da atuação das mulheres jornalistas na *Gazeta do Povo*. Primeiro, com as educadoras que nos anos 1960, ao produzir colunas de opinião, artigos e conteúdos infanto-juvenis, conferiram um frescor editorial ao jornal. Depois, tardiamente, a partir das décadas de 1970/1980 com a entrada de mulheres jornalistas no veículo, que passaram a ocupar editorias de variedades, turismo, moda, gastronomia, artes – temas para os quais criaram cadernos e suplementos com inovações editoriais – sem ainda ocupar cargos de chefia; mas essas jornalistas introduziram e consolidaram práticas editoriais que a *Gazeta* incorporou e que resultaram em um jornal mais dinâmico e atualizado com o panorama jornalístico e gráfico da época e em sucesso comercial. Em um terceiro momento, nas proximidades dos anos 2000, temos a chegada das mulheres aos cargos diretivos, o que resulta em novos protagonismos inerentes aos cargos, mas que precisaram enfrentar resistências.

Podemos perceber um padrão com relação ao protagonismo destas jornalistas. As pioneiras, que entraram no jornal e realizaram mudanças editoriais, não conseguem perceber seu próprio protagonismo. Sentem que fizeram o que qualquer jornalista faria. Já aquelas contratadas nos finais dos anos 1990, percebem claramente esse protagonismo; mas não necessariamente se enxergam como mulheres que fizeram a diferença para o jornal por si –

entendem que foram protagonistas por estar em cargos de chefia, historicamente pouco ocupados por mulheres, ou por “agarrarem” as oportunidades.

Com relação à desigualdade de gênero na redação, verifica-se que essas mulheres perceberam algumas desigualdades, seja na presença numericamente desequilibrada de mulheres em posições dirigentes, seja em pequenos constrangimentos, como falta de banheiro feminino ou no questionamento acintoso de condutas. De qualquer forma, todas entendem que estas desigualdades não se limitam apenas à *Gazeta do Povo*, mas estão presentes em todos os ambientes de convívio social, como algo ainda estrutural na sociedade.

Lembramos que novas problematizações sobre o tema desta pesquisa devem ser construídas, investigadas e analisadas, incluindo-se outras jornalistas mulheres que compõem um quadro de protagonismos.

## Financiamento

Esta pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Tecnológica (CNPq).

## Agradecimento

Este trabalho foi realizado como resultado de pesquisa mais ampla que teve apoio, na forma de bolsas de estudo, do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Tecnológica (CNPq), instituição a qual agradecemos.

## Referências

ABRAJI. Abraji aponta que mulheres jornalistas foram vítimas de mais da metade das agressões no meio digital. São Paulo, 8 mar. 2021.

ADALICE Maria Araújo. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 13 mar. 2007. Caderno G.

ALMEIDA, E. de; KOVOSKI, G.; ROCHA, P. M. Marcas da história do jornalismo da *Gazeta do Povo* e o processo de feminização da redação. *In: Encontro Regional Sul de História da Mídia - Alcar SUL. 6., 2016, Ponta Grossa. Anais [...]*. Rio de Janeiro: Alcar, 2016. p. 1-15.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELFORT, C. [Entrevista cedida a] Rafaela Rasera. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

BERGAMO, A. Reportagem, memória e história no jornalismo brasileira. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 233-269, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132011000200001>. Acesso em: 11 maio 2023.

CARDOSO, R. de S. [Entrevista cedida a] Rafaela Rasera. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

CASACA, S. Mercado de trabalho, flexibilidade e relações de gênero: tendências recentes. In: CASACA, S. (coord.). **Mudanças laborais e relações de gênero: novos vetores de (des)igualdade**. Lisboa: Almedina, 2012. p. 9-50.

CATILOR, E. [Entrevista cedida a] Cláudia Santos Silva. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2010. p. 62-83.

FERNANDES, J. C. O exército das orianas. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 2 dez. 2010. Vida e Cidadania.

FERNANDES, J. C.; SANTOS, M. **Todo dia nunca é igual**: notícias que a vida contou em 90 anos de circulação da Gazeta do Povo. Curitiba: Ed. Gazeta do Povo, 2010.

FILIZOLA, A. A. [Entrevista cedida a] Cláudia Santos Silva. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

GONÇALVES, M. S. [Entrevista cedida a] Rafaela Rasera. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

GUIMARÃES, M. [Entrevista cedida a] Cláudia Santos Silva. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

HOHLFELDT, A. **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

LELO, T. V. A feminização do jornalismo sob a ótica das desigualdades de gênero. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 1-14, 2019. Disponível em: [https:// DOI: 10.1590/1806-9584-2019v27n254225](https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n254225). Acesso em: 12 ago. 2023.

LIMA, M. D. V. de. Memória da bioquímica no Paraná: a criação de uma escola de pesquisa. Curitiba: Ed. da UFPR, 2012.

LIMA, M. R. D. V. de; FERNANDES, J. C.; DALLA COSTA, R. M. Os leitores da Gazeta do Povo diante de um jornal em desmaterialização. **E-Compós**, Brasília, v. 22, p. 1-23, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.1478>. Acesso em: 11 maio. 2023.

LIMA, M. R. D. V. de; FERNANDES, J.C. Protagonismos de resistência: as vozes de dez mulheres jornalistas do Paraná, da ditadura militar à consolidação de uma trajetória profissional. In: SOSTER, D. de A.; ROVIDA, M. (org.) **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas protagonistas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2021. p.1-15

LIMA, S. P. (coord.). Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quórum Comunicações, 2022.

MARTINS, R.M. Como a Gazeta do Povo, do Paraná, deu uma guinada à direita e virou porta-voz do Brasil de Bolsonaro. **The Intercept Brasil**, [s.l.], 10 dez. 2018.

MELO, J. M. de. "Prefácio". In: José Marques de Melo (org.). **Imprensa brasileira: personagens que fizeram história**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. p. 7-9.

MICHEL, N. [Entrevista cedida a] Cláudia Santos Silva. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

POSSEBOM, A. [Entrevista cedida a] Rafaela Rasesa. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

SANT'ANNA, F. Jornalismo, cada vez mais, uma profissão de mulheres. **Brasil 247**, [s.l.], 9 jul. 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, C. S.; LIMA, M. R. D. V. de. Mulheres jornalistas na redação e administração do jornal gazeta do povo: um estudo de memória jornalística e gênero. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 20., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2019. p. 1-13.

SILVA, M. [Entrevista cedida a] Cláudia Santos Silva. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2008.

VALÉRIO, M. [Entrevista cedida a] Rafaela Rasesa. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

## Journalistic memory and female protagonism: the woman in the newsroom and management of a regional newspaper

### Abstract

This article investigated the protagonism of female journalists during a period in the history of the *Gazeta do Povo*, a centennial newspaper from Paraná, which was the last in the state to hire women to work in the newsroom. The objective was to highlight, as a journalistic memory, the milestones that these women left in

the newspaper. Previous research allowed the premise that, in a very gradual way, pioneer women journalists modified the structure of the newspaper by introducing editorial innovations and achieving management positions in the newsroom. Next, statements were collected from ten women journalists who had leading roles in the newspaper to verify that they recognized themselves as part of these achievements. The qualitative research was conducted through bibliographic reviews and interviews with journalists, with the information collected interpretively analyzed, from two categories: protagonism and gender inequalities. The results show women who caused important changes in the newspaper but with difficulties in perceiving their protagonism. We also conclude that these journalists experienced some conditions of gender inequality in their work.

### Keywords

women journalists; female protagonism; gender inequalities; journalistic memory; Gazeta do Povo

### Autoria para correspondência

Myrian Regina Del Vecchio de Lima  
myriandel@gmail.com

Claudia Santos Silva  
claudiajornalismo804@gmail.com

Rafaela Cordeiro Rasera  
rafaelarasera18@gmail.com

### Como citar

LIMA, Myrian Regina Del Vecchio de; SILVA, Cláudia Santos; RASERA, Rafaela Cordeiro. Memória jornalística e protagonismo feminino: a mulher na redação e gestão de um jornal regional. **Intexto**, Porto Alegre, n. 55, e-129674, 2023. <https://doi.org/10.19132/1807-8583.55.129674>.

Recebido: 28/01/2023

Aceito: 31/05/2023



Copyright (c) 2023 Myrian Regina Del Vecchio de Lima, Claudia Silva Santos, Rafaela Rasera. Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. Os Direitos Autorais dos artigos publicados neste periódico pertencem aos autores, e os direitos da primeira publicação são garantidos à revista. Por serem publicados em uma revista de acesso livre, os artigos são de uso gratuito, com atribuições próprias, em atividades educacionais e não-comerciais.